

**“QUARENTA ANOS COM FÔLEGO DE VINTE”:
MEMÓRIA SOCIAL E O ETARISMO NOS
ESPORTES****"FORTY YEARS WITH A BREATH OF TWENTY":
SOCIAL MEMORY AND AGEISM IN SPORTS**Nádia Sampaio^{1,*} / Luciana Araújo dos Reis²**INTRODUÇÃO**

“O mundo em que vivemos que distribui as tarefas da nossa memória, determina a maneira como essas tarefas devem ser desempenhadas e até nos dá as categorias com que as pensamos”. (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 40)

A memória como uma dimensão social é um campo vasto de estudos, percorre múltiplos âmbitos e produz efeitos na língua e nos discursos resultando no entrecruzamento de sentidos incorporando o indivíduo no campo coletivo. Ela atravessa diversas relações de poder que condiciona os atos, fatos e proposições que determinarão posicionamentos pessoais e comunitários.

Neste sentido, o etarismo compreendido como a discriminação em decorrência da faixa etária, vigora em vários espaços e, dentre eles, não está ausente do mundo dos esportes. É comum verificar que a atuação e a performance dos atletas de maior idade são nivelados aos atletas mais novos e com desempenhos iguais. No entanto, quando se fazem referências aos índices esportivos dos de maior faixa etária sempre há uma comparação considerando o feito como se não tivessem a idade real.

Neste caso, o etarismo, nos esportes, se caracteriza quando há um desmerecimento das realizações do indivíduo ao equipará-lo com o desempenho que pessoas mais jovens. Para tanto, as memórias sociais ligadas às concepções de produtividade, competitividade, novo versus velho são evocadas e o etarismo se efetiva nas falas e ações, nas suas diversas esferas, acentuando o preconceito e a exclusão dos indivíduos que praticam atividades físicas sob variadas condições. Logo, entende-se que os discursos e seus atravessamentos, por meio da ideologia, estabelecem a subjetivação e os sentidos, pois todo discurso está em relação com outros existentes (FREIRE, 2021).

RESUMO

Este ensaio teórico examina o etarismo, preconceito que se relaciona com a idade, no universo esportivo. Nessa discussão, cabe considerar a memória social como um instrumento que possibilita a perpetuação das construções sociais e, essas, estabelecem comportamentos, padrões e regras que impactam diretamente a vida humana. Desse modo, sabe-se que os estigmas e os estereótipos fazem parte da linguagem e dos discursos e, esses, reproduzidos e reconstruídos cotidianamente produzem conceitos que propicia dizeres discriminatórios nos espaços desportivos. Assim, o etarismo e a memória social são constituintes do modo de vida em sociedade. Para o entendimento desse entrelaçamento, recorreremos na fundamentação teórica, às contribuições de autores que tratam dos temas referidos, bem como aos aportes da Análise do Discurso de linha francesa.

Palavras-chave: Memória Social. Etarismo. Esportes

ABSTRACT

This theoretical essay examines ageism, a prejudice that is related to age, in the sports universe. In this discussion, it is worth considering social memory as an instrument that enables the perpetuation of social constructions and, these, establish behaviors, patterns and rules that directly impact human life. Thus, it is known that stigmas and stereotypes are part of language and discourses, and these, reproduced and reconstructed on a daily basis, produce concepts that provide discriminatory sayings in sports spaces. Thus, ageism and social memory are constituents of the way of life in society. In order to understand this intertwining, we resorted to theoretical foundations, contributions from authors who deal with the aforementioned themes, as well as contributions from the French Discourse Analysis.

Keywords: Social Memory. Ageism. sports

Submetido em: 26 de out. 2021

Aceito em: 26 de out. 2021

¹Instituto Federal da Bahia - IFBA, Vitória da Conquista, Bahia - Brasil

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Jequié, Bahia - Brasil.

*E-mail para correspondência: ndiasampaio@yahoo.com.br

Para Castro (2015), o idadismo/etarismo, ainda que disseminado, ainda é pouco discutido, tanto na área acadêmica quanto nos meios de comunicação. Portanto, são imprescindíveis ações de sensibilização para o conhecimento sobre o etarismo com a finalidade de captá-lo nas suas acepções e pressupostos para que haja um combate aos estereótipos e estigmas arraigados no meio esportivo.

MEMÓRIA SOCIAL E ETARISMO

As construções sociais são formuladas no decorrer do tempo e dizem respeito a várias instâncias da vida humana. São padrões, ideias, acepções que, após gerados, se robustecem, se cristalizam e quando solidificadas, regem condutas e os comportamentos dos indivíduos. Permeiam os âmbitos políticos, religiosos, comunicacionais, econômico, culturais, esportivos e se expressam no dia a dia. Afetam diretamente a vida humana, pois interferem na composição pessoal de cada indivíduo.

Nesta lógica, essas estão presentes em todas as fases da existência e da identidade pessoal que se entrelaçam com a identidade social, afinal o ser humano vive em coletividade e é afetado constantemente pelo meio ao qual pertence. Elias (1994) assevera que a sociedade, como sabemos, somos todos nós. Logo, não se pode pensar o indivíduo dissociado da sociedade a qual ele está inserido.

Dessa forma, a memória social é um importante instrumento para a massificação de ideias, de princípios, regras e práticas sociais. Tudo que é perceptível se relaciona com ela, por isso está repleta de sentido histórico. Consoante Halbwachs (2006), não é suficiente reconstruir detalhadamente uma memória, mas é necessário que esta recons-

trução opere com dados e noções que pertençam a todos. Logo, a memória produzida socialmente será essencial para que perdurem as construções sociais e, ao mesmo tempo, produzam sentido, significação e estratificação na existência coletiva.

À vista disso, sabe-se que os preconceitos são constituintes da linguagem e das práticas sociais que se desenvolvem e se consolidam. Com isso, é comum verificar a efetivação do etarismo, idadismo ou ageísmo que significa a produção de preconceitos e atitudes contra outras pessoas em decorrência da faixa etária (SOUSA et al., 2014). Conforme Butler (1969) o ageísmo/etarismo significa comportamentos discriminatórios devido à idade. Portanto, percebe-se a presença do etarismo nos discursos verbais e não-verbais. Ainda se apresenta de maneira sutil que nem sempre quem o pratica se dá conta que, de fato, está sendo intolerante e discriminador.

Nesta perspectiva, a sociedade brasileira confere múltiplos significados a idade do ser humano. Entre eles, o etarismo é resultado do preconceito ao se pressupor que o tempo cronológico define os atributos, qualidades e características individuais. D’Alencar (2017) argumenta que as ideias e opiniões são organizadas em um sistema limitado pela cultura. Em função disso, tem-se a tendência de estigmatizar as pessoas por pertencer a um determinado estrato etário.

Todas as práticas sociais são reconhecimentos das crenças e atitudes fabricadas em distintos momentos históricos e replicados pelas gerações que criam inúmeros discursos sobre as etapas da vida. Indursky (2011) comenta que a memória social se constitui à medida que os discursos confeccionados em vários contextos são revisitados, repetidos e regularizados.

Com isso, nota-se que o etarismo está presente nos esportes. Desse modo, é comum observar falas que retratam o preconceito etário referente a atuação esportiva. Quando algum atleta, que tenham uma idade superior ao comumente esperado para determinada prática esportiva, consegue bater um recorde ou ser bem-sucedido em alguma competição, percebe-se que os dizeres são envoltos de algum estereótipo.

Para Sousa et al (2014), o etarismo continua se manifestando de diversas maneiras sejam essas em afirmações verbais ou gestuais. Geralmente, esse tipo de preconceito revela as ideologias presentes na linguagem. Brandão (2012, p. 9) considera que “[...] a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como lugar em que a ideologia se manifesta concretamente”.

Isto posto, é comum constatar frases que, alusivas aos atletas profissionais, amadores ou recreacionais, que alcançaram resultados acima da média, são como um jogo de palavras que menosprezam suas atuações. Por exemplo, um atleta que consegue bater um recorde aos 40 anos, é habitual se dizer que “tem fôlego de 20 anos” ou “é uma pena que tenha 40 anos”. Em razão disso, reduz o seu feito a uma questão meramente etária. Assim, a língua é um lugar de enfrentamento, de geração de conflito, pois se trata da sociedade e os processos constituintes da língua são históricos e sociais (BRANDÃO, 2012).

Destarte, de maneira consciente ou inconscientemente, as memórias sociais que estigmatizam os indivíduos em função da faixa etária, são evocadas e ratificados. Em suma, “[...] o dizer tem história. Os sentidos não se esgotam no imediato” (ORLANDI, 2015, p. 47). Os discursos referentes aos atletas que “passaram” da idade, indicada como apropriada para as habilidades esportivas, são constituídos de associa-

ções com o significado de velho e de novo que estão ligados a produtividade que é apresentada pela juventude e ao decréscimo que é reportado ao envelhecimento humano. A linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade social, por esta razão os discursos estão em movimento e em estabilização. Quando se refere à idade, é habitual retornarmos as concepções de decréscimo, declínio e baixo desempenho. Nos esportes, isso é ainda mais inflexível.

É preciso considerar que um atleta com terna idade, do ponto de vista orgânico, tem maiores condições de alta disposição física para os treinamentos. Ainda possui um aumento das probabilidades de melhorar os resultados, uma menor incidência de lesões degenerativas musculoesqueléticas, bem como uma diminuição da incidência de problemas cardiovasculares e podem se recuperar de uma lesão com uma velocidade superior. Todavia, esses aspectos não são definidores para ignorar a atuação dos atletas mais velhos, nem tão pouco justificar a prática do etarismo no mundo esportivo. França et al.(2017) informam que, na maior parte das vezes, esse preconceito ocorre de forma quase imperceptível e, com isso, torna-se difícil opor-se a ele.

O etarismo pertence ao cotidiano dos esportistas e os discursos preconceituosos são, muitas vezes, incorporados pelos próprios atletas que, por vezes, os reproduzem ao compararem seus desempenhos com os mais jovens ou até julgando-se superiores a eles. De acordo com Orlandi (2015. p. 13 e 28), o discurso seria “[...] a palavra em movimento. Os dizeres não são somente mensagens a serem decodificadas, mas são produzidas em condições determinadas”.

Neste contexto, observou-se que nas Olimpíadas desse ano, em Tóquio,

alguns atletas com idades superiores aos 30 anos, considerados veteranos, de várias nacionalidades, estiveram no topo das competições olímpicas e conseguiram excelentes resultados em várias modalidades. Para terem os resultados desejados, treinaram com afinco para garantirem suas participações nessa edição dos jogos e, por isso, foram vitoriosos no que se propuseram a realizar sem a obrigação de se sentirem superiores aos outros atletas de estratos etários díspares.

Desse modo, nesse tipo de segregação social consta uma irrefutável desvalorização e estigmatização de atletas mais velhos nos espaços desportivos em que contraria os ideais do esporte como sinônimos de inclusão, socialização e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória social é uma leitura que explana como a sociedade pode ser moldada pelo passado e como esta interfere na composição do presente e do futuro. Os discursos desenvolvidos afetam a visão social e a condução da vida a todo tempo e em diversas instâncias. Portanto, reconhecer que existe esse tipo de discriminação é o princípio de um longo combate necessário.

À vista disso, há uma necessidade de atenção social no sentido de rever os padrões, as regras e normas que regem os discursos, dentro do ambiente esportivo, para que o etarismo não seja mais uma prática recorrente e que, de fato, seja combatido de uma forma incisiva e persistente. Com isso, permitir-se-á a possibilidade de celebrarmos as multiplicidades que nos caracterizam como seres humanos.

FINANCIAMENTO

Apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia – FAPESB

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena H. Magamine. **Introdução a análise do discurso**. 3ª ed, ver. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.
- BUTLER, Robert Neil. Age-ism: another from the bigotry. **The Gerontologist**, 9, 243-246, 1969.
- CASTRO, Gisela G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & educação**. Ano XX, número 2, jul/dez 2015.
- D’ALENCAR, Raimunda Silva. Idosas no contexto da vida cotidiana: como percebem o corpo. *In*: DALENCAR, Raimunda Silva (org.). **A representação social na construção da velhice**. Ilhéus- Ba: Editus, 2017.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Tradução de Telma Costa. Editora Teorema. Lisboa, 1992.
- FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho; Brito, Andreia da Rocha Siqueira; VALENTINI, Felipe; MENEZES, Ione Vasques; TORRES, Cláudio Vaz. Ageísmo no contexto organizacional: a percepção de trabalhadores brasileiros. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 20(6), 762-772, 2017.

INDURSKY, Freda; A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

FREIRE, Sérgio. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. 2ª ed. Manaus: EDUA, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015

SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira de; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; SILVEIRA, Nádia Dumara Ruiz; ARANTES, Regina Pillar Galhego. Alguns apontamentos sobre o idadismo: a posição de pessoas idosas desse agravo à sua subjetividade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 853-877, 2014.